



de Balaguer, Fundador do Opus Dei, sem a qual não é compreensível a personalidade daquele que foi o primeiro prelado desta Prelatura Pessoal. Monsenhor del Portillo conheceu em 1935 Josemaria Escrivá, que naqueles anos ia abrindo o caminho para o Opus Dei nascente. A figura e a palavra daquele sacerdote mudou o rumo da vida do jovem estudante de Engenharia que, no mês de Julho desse mesmo ano, com 21 anos, pedia a admissão no Opus Dei. Dentro de pouco tempo passou a ser o homem da máxima confiança do Fundador e, em certo sentido, o seu interlocutor e o seu descanso.

Foi sem dúvida Monsenhor del Portillo o homem que conheceu mais a fundo o Fundador do Opus Dei, como pode comprovar quem leia, por exemplo, o seu livro «Entrevista sobre o Fundador do Opus Dei». Fez parte do grupo dos três primeiros leigos do Opus Dei que se ordenaram sacerdotes. A primeira coisa que fez Monsenhor Escrivá depois da ordenação foi dizer a Álvaro del Portillo: «Senta-te, quero confessar-me». E pôs-se de joelhos. Desde então, Álvaro del Portillo foi o seu confessor. Para todos os membros da Obra era coisa pacífica que, quando faltasse o Fundador, o Congresso Geral do Opus Dei elegeira D. Álvaro para lhe suceder.

Desde a sua eleição como sucessor do Fundador do Opus Dei, em 1975, teve que diminuir a sua actividade na Cúria Romana e concentrar a sua dedicação intelectual e pastoral no serviço quotidiano do seu ofício de pai e pastor, que incluía uma extensa actividade literária e viagens apostólicas. Precisamente no regresso da sua viagem à Terra Santa chamou-o o Senhor à Sua presença. Foram quase vinte anos que dedicou a esse serviço paternal: 1975-1994. Desde o princípio se atribuiu, como programa da sua missão pastoral à frente do Opus Dei, a fidelidade ao espírito do Fundador. E, como que corrigindo-se, acrescentava: melhor, a etapa da fidelidade, porque não se trata de uma continuidade mecânica, mas de responder pessoalmente com as nossas vidas e nas novas circunstâncias ao legado espiritual que nos deixou o Fundador.

Dois factos importantes, mas de natureza muito diversa, assinalaram esta «etapa da fidelidade». O primeiro é de carácter institucional. Refiro-me ao acto da Santa Sé pelo qual o Opus Dei foi erigido como Prelatura Pessoal na Igreja, deixando de ser um Instituto Secular. Desta forma, Monsenhor del Portillo conseguiu ver realizado o que concebeu o Beato Josemaria, mas que este não pôde contemplar. A saída da Congregação para os Religiosos e a entrada na Congregação para os Bispos — uma das consequências de ser uma Prelatura Pessoal — eliminava uma situação jurídica artificial, que estava em contraste frontal com a realidade concreta do Opus Dei e dos seus membros na Igreja e no mundo.

O outro facto é a beatificação de Josemaria Escrivá de Balaguer. Uma beatificação ou uma canonização conduzem-nos até ao núcleo mais profundo, ao porquê último da Igreja, que é a santidade dos seus membros. O «êxito» da Igreja — se é lícito falar assim — radica em que os homens alcancem a santidade. Por isso, a exaltação de um homem ou de uma mulher aos altares significa a proclamação, para uns casos concretos, de que a Igreja efectivamente consegue o seu fim: a santidade pessoal. Daqui se ilumina o que significa para o Opus Dei a beatificação do seu Fundador, realizada durante o pontificado de Monsenhor del Portillo na

Prelatura Pessoal. A Igreja reconheceu que o espírito que pregou e praticou Josemaria Escrivá leva, de facto, quando se vive como o viveu o Fundador, à santidade pessoal.

Este horizonte da fidelidade, que é fonte de fecundidade e de eficácia apostólica, é o que Alvaro del Portillo deixa em aberto ao seu sucessor, por quem todos rezamos enquanto o fazemos pelo eterno descanso do defunto Prelado.

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga